

## EDITORIAL

A **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (ReBEH)** é uma realização da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH). É importante destacar que o fato do nome da referida associação constar homocultura não significa dizer que está reduzida aos estudos da homossexualidade ou das homossexualidades, este termo era utilizado na época da criação da ABEH como aquele que melhor representava as sexualidades dissidentes fora das normas tradicionais e conservadoras. Com o surgimento de novos conceitos para o reconhecimento da diversidade sexual o leque de estudos produzidos pela ABEH foi ampliado. Os/As filiados e filiadas optaram por manter o nome da instituição por um respeito ao contexto histórico da época em que foi criada.

A ABEH é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 2001, que tem como principal proposta fomentar e realizar intercâmbios e pesquisas sobre a diversidade sexual e de gênero. Ela congrega professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação, profissionais, pesquisadores/as, ativistas e demais interessados/as nas temáticas de gênero, sexualidade e raça/etnia.

A ReBEH foi pensada como alternativa de produção de conhecimento na temática de Gênero e diversidade sexual, ampliando a produção editorial da ABEH que ocorria a cada dois anos em cada congresso. A ReBEH torna-se um espaço para novas publicações, em edições trimestrais. Para a capa deste número contamos com as fotografias gentilmente cedidas pela Professora Simone Brandão Souza (UFRB) e diagramação de Felipe Bruno Martins Fernandes (UFBA). Nesta edição, também contribuíram: Cleyton Feitosa (UnB), que colaborou com a realização da entrevista; Cristina Vianna Moreira dos Santos (UFT), Victor Hugo Souza (UFMT) e Ayrton Senna S. Amaral (UFMT), que colaboraram na revisão textual.

A 2ª ReBEH, está sendo lançada no dia 28 de junho de 2018, dia internacional do orgulho LGBT, data na qual relembramos atos de uma política de rua que vem sendo marcada por denúncias às violências e violações de direitos, através de alianças de resistência. A capa deste número traz entre suas três imagens um dia de orgulho durante a Parada LGBT de Cachoeira, na Bahia. Esta segunda edição traz as contradições de um processo que envolve organização política para o

enfrentamento à precariedade, cujos caminhos tem contribuído para que o debate epistemológico acerca da diversidade sexual e de gênero se consolide enquanto forma sistemática de problematização das hierarquias sociais e promoção de outras lógicas de existência.


Neste segundo número contamos com os artigos de: Leandra S. Oliveira e Amana R. Mattos, intitulado “**Diálogos sobre lesbianidades: uma breve incursão histórica e análise das produções recentes**”, que recupera as principais publicações acerca da temática lesbianidades no Brasil; Alexsandro Rodrigues, Castiel V. Brasileiro e Jésio Zamboni, “**No entre-lugar do corpo, gênero, sexualidade e raça: encontros com outras crianças e infâncias**”, que provoca para a necessidade de contar outras histórias onde as infâncias sexualizadas e racializadas sejam valoradas de maneira distinta; Diego S. V. de Jesus problematiza, em “**Criatividade e resistência: a Parada do Orgulho LGBTI-Rio de 2017**”, questões relacionados ao conceito de “economia criativa” evidenciado o quanto o poder público do Rio de Janeiro está aquém de contemplar este modelo, especialmente frente aos eventos promovidos pela e para população LGBTI.

Na seção de entrevistas, o pesquisador **Cleyton Feitosa** entrevista a gestora de políticas públicas LGBT, vinculada à Secretaria de Direitos Humanos, **Marina Reidel**. A trajetória trans é destacada pela entrevistada em sua fala, nos fazendo conhecer de sua infância a sua inserção na militância gaúcha. Evidencia-se os desafios de um trabalho na gestão de políticas públicas, no âmbito federal, em um contexto como o atual, pós-golpe jurídico-parlamentar que consolidou o impeachment de Dilma Rousseff.

A edição traz o ensaio de Rafael Noletto, intitulado “**Banalidade do mal, anestesia cultural, comunidades sexualizadas e transfeminismos**”. Nele, o pesquisador destaca quatro histórias de transexuais, que envolvem violência letal e reinvenção da vida social a partir da resistência cultura.

Na seção Tessituras Artísticas, homenageamos Dona Ivone Lara – mulher negra, sambista, enfermeira e assistente social, que contribuiu para a luta antimanicomial no Brasil. A Rainha do Samba, que faleceu recentemente em abril, tem sua biografia contada através de um programa de rádio – **Quando Tiê virou melodia: uma radiobiografia de Dona Ivone Lara** - elaborado por Elaine Gonzaga Oliveira, que publicamos em formato textual (.pdf) e em áudio (html).

Os **Relatos de Experiências** deste número versam sobre experiências de serviços sociais de atendimento à população Trans. Pablo Cardozo Rocon e Maria



Helena Silva Santos, contam sobre a implantação do Serviço Social no processo transexualizador de um hospital universitário de Vitória – ES. Já o também assistente social, Joilson S. Marques Júnior, articula relato de experiência profissional e militante em um estilo ficcional para nos contar uma história transnegra.

Na seção de Resenhas, Ineildes Calheiro e Eduardo David Oliveira, apresentam o livro “**Pérola Roubada**”, de Né Vaz da Guiné-Bissau. O romance, publicado em 2018 no Brasil, denuncia processos de violência sexual, pobreza e relações familiares.

O número dois da ReBEH traz em Documentos: o Edital do Prêmio de Teses e Dissertações da ABEH; e a Chamada de envio de artigos para o Dossiê Especial “Movimentos sociais e Ativismos LGBT e feministas”, sob organização de Thiago Coacci (UFMG), Mário Felipe Carvalho (UFRJ) e Tatiana Lionço (UnB), que será lançado no quarto número da revista, em dezembro de 2018.

Boa leitura!

**Editorial Chefe**

Bruna Andrade Irineu (UFMT)

Luma Andrade Nogueira (UNILAB)